

## DEL PICCHIA E LOBATO: DUAS NARRATIVAS DE “DESTAMANHOS” PARA CRIANÇAS

JORGE LUIZ MARQUES DE MORAES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO).

### Resumo

Este trabalho pretende analisar duas narrativas que, na primeira metade do século XX, trouxeram ao universo da Literatura para crianças no Brasil a magia do aumentar e diminuir de tamanho. Em “No País das Formigas” (1939), de Menotti del Picchia e “A Chave do Tamanho” (1942), de Monteiro Lobato, os jovens leitores vêem as personagens serem obrigadas a conviverem com outras dimensões de tamanhos – ou melhor, de “destamanhos”. João Peralta e Pé de Moleque, no primeiro livro e Emília e o pessoal do Sítido do Picapau Amarelo, no segundo, são transportados e transportam, através das sedutoras histórias narradas, para outros planos e dimensões. A comunicação apresentada observará a construção das arquiteturas narrativas por parte dos dois autores, os recursos de estilo empregados, as relações de intertextualidade presentes nos textos de Lobato e Del Picchia, a inserção de elementos de brasilidade nas narrativas, além das reflexões filosóficas e políticas que subjazem em ambos os livros. Sendo que tomando o líquido verde, como João Peralta e Pé-de-Moleque, ou aspirando o superpó dos Visconde, como fez Emília, a invencionice do faz-de-conta acaba por criar, na Literatura para crianças e jovens no Brasil, a tradição da reinvenção dos tamanhos, tão presente em outras tradições literárias, bem como na fantasia de pequenos e grandes.

### Palavras-chave:

Literatura para crianças, Lobato e Del Picchia, Tamanhos e destamanhos.

### 1. Uma Literatura de (Re)Tamanhos:

A literatura universal é pontuada por uma tradição de narrativas ficcionais cuja mola propulsora consiste na questão da dimensão corporal dos indivíduos. Tais textos geralmente tratam dos impactos causados pelo estranhamento acerca do tamanho das personagens, em função de perspectivas diferenciadas. Universos mitológicos de diversas tradições são frequentemente compostos por seres ora gigantescos ora minúsculos, os quais constituem fonte de interesse e curiosidade. A propósito, é a partir destes elementos, provindos da cultura oral, que têm origem as narrativas de gigantes, que se tornaram célebres, por exemplo, nas criações rabelaisianas. Um fator interessante a ser notado na recepção de textos cuja temática versa sobre o redimensionamento do tamanho é o apelo que eles têm ao público infantil: esta talvez seja a melhor explicação para que obras originalmente escritas para adultos, como as de Carrol (1977) e Swift (2005), nos dias de hoje sejam encontradas no mercado livreiro quase que exclusivamente em versões adaptadas para os pequenos. De um modo ou de outro, portanto, há uma linhagem de narrativas estruturadas a partir da estranheza causada quando um indivíduo vê-se envolvido em uma nova perspectiva de tamanho, seja ele menor ou maior do que o seu original.

Também na Literatura Brasileira há textos que se interessam pelo objeto acima exposta. Este ensaio trata justamente de duas ficções de “retamanhos” escritas originalmente para crianças no Brasil entre os anos 30 e 40 do século XX. São elas *No país das formigas* - Novas Aventuras de João Peralta e Pé-de-Moleque (DEL PICCHIA, s.d.A) e *A chave do tamanho* (MONTEIRO LOBATO, 2008). A obra

lobatiana, conforme nos informa o professor Thiago Alves Valente (2009), teve o texto da edição de 1942 parcialmente revisto pelo autor em 1947. As duas edições, entretanto, apresentam a mesma situação inicial: o acirramento dos conflitos bélicos na Europa, em virtude das intensas batalhas travadas durante a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, o cotidiano do Sítio do Picapau Amarelo é abalado pela notícia de intensos bombardeios sobre a cidade de Londres. Com o fato, anunciado no primeiro capítulo do livro, "o rosto de Dona Benta sombreou" (MONTEIRO LOBATO, op. cit.: 15), o que leva Emília a tomar a decisão de fechar a chave da guerra. Porém, ao invés de mexer no artefato correto, ela desastrosamente altera a posição da chave do tamanho, o que provoca a diminuição radical de estatura de toda a humanidade - incluindo aí a própria Emília que, conforme nos indica Monteiro Lobato na apresentação do livro, é a esta altura "uma ex-boneca de pano" (Ibidem: 12). Já o livro do verde-amarelista Menotti del Picchia, como indica seu subtítulo, constitui continuação de uma obra anterior, denominada *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* (s.d.B), na qual nos são apresentados os heróis cujas aventuras dominarão os dois volumes: os meninos cujas denominações fazem parte do título da narrativa, caracterizados, respectivamente, como "um garoto levado da breca" (s.d.A: 11) e "um endiabrado pretinho" (Ibidem). Regulando pelos sete anos de idade, como informa o narrador no primeiro volume de aventuras da dupla, eles retornam às suas travessuras em *No país das formigas*. Logo nas primeiras páginas da narrativa, Pé-de-Moleque instiga o companheiro a realizarem novas viagens[1], as quais ocorrerão não mais em reinos distantes e imaginários, como acontece no volume anterior, mas sim ao pé da própria casa dos dois, que serão obrigados a rever o ambiente familiar a partir de uma perspectiva que lhes será absolutamente inédita e insólita.

As obras de Menotti del Picchia e Monteiro Lobato, portanto, constituem narrativas inseridas em uma longa e profícua tradição de histórias que, ao estabelecerem uma nova perspectiva e, por conseguinte, uma visão diferenciada do mundo motivada pela mudança na dimensão corporal das personagens, trazem a ambientes triviais uma profunda renovação. É desta maneira que os espaços domésticos deixam de adquirir a familiaridade ordinária e passam a constituir espaços repletos de perigos, aventuras e peripécias ao mesmo tempo sedutoras e arriscadas. Além disso, em função de terem sido produzidos em momentos históricos conturbados, no qual os embates ideológicos encontravam-se radicalizados, os textos acabaram por traduzir, em suas páginas, tendências políticas adversárias para os jovens leitores dos anos 30/ 40 do século XX.

## **2. Fantásticas Aventuras, Reinações Maravilhosas:**

Del Picchia e Lobato não poupam adjetivos laudatórios, nos pórticos de seus livros, às aventuras pelas quais passarão as personagens envolvidas nas narrativas, o que traz uma grande expectativa aos leitores pelas peripécias que estão prestes a acontecer. Há, entretanto, algumas diferenças na inventividade que norteia os procedimentos ficcionais estabelecidos pelos autores na mudança de tamanhos por que passam os indivíduos em suas histórias.

Em *No país das formigas*, o desejo compulsivo por traquinagens é reflexo de uma ânsia por evasão do insípido ambiente doméstico. Por conta disso, a dupla de amigos "vive pensando em armar novas travessuras" (DEL PICCHIA, s.d.A: 11). No entanto, um elemento mágico existente no texto (o ratinho de ouro) pontua o livro inteiro repetindo a mesma lição aos meninos: "não desobedeçam aos mais velhos", em uma insistência tamanha que o leva a ser descrito por Lajolo e Zilberman como "um superego atento e persistente, à moda do Grilo Falante que acompanha

Pinóquio, na obra de Collodi" (2009, p. 65). Ora, se João Peralta e Pé-de-Moleque não desobedecessem às ordens dos pais, jamais teriam vivido as "fantásticas aventuras" mencionadas por Del Picchia, o que leva ao malogro qualquer tentativa de estabelecer um viés positivo na mensagem disciplinadora do ratinho. Neste sentido, subverter é muito mais do que divertir: é divertir-se. É irônico, porém, que a desobediência não concretize o desejo das crianças em conhecer novos ambientes, mas que as leve à ressignificação do espaço conhecido através da assunção de uma nova perspectiva. Por fim, a desobediência é premiada até mesmo com o encontro de um tesouro que, não tivessem as crianças diminuído em estatura por conta da indisciplina, jamais teria sido encontrado.

João Peralta e Pé-de-Moleque deparam-se com a possibilidade de subversão quando invadem um lugar sombrio, vizinho à casa onde moram. Trata-se da toca de Tio Mocamba, um negro afeito a feitiçarias. A partir daí, tal qual a Alice, de Carroll, ingerem uma bebida que os leva a se transformarem em "uma isquinha de gente" (DEL PICCHIA, s.d.A: 95). Ao terem as dimensões corporais reduzidas, os meninos também vêem suas vestimentas encolherem. Esta inventiva é bastante diferenciada da solução encontrada por Lobato em sua obra, posto que, em *A chave do tamanho*, a alteração no posicionamento do artefato leva uma porção considerável da humanidade ao sufocamento e à posterior morte. Com efeito, o leitor acompanha agoniado a aflição de Emília quando esta, ao diminuir de tamanho, vê-se soterrada por seu vestido: a partir daí, cabe à personagem sair do emaranhado de tecido que, na nova dimensão, a roupa assume, para, assim, conseguir sair com vida do traje que segundos antes era tão-somente uma vestimenta, e não uma ameaça à integridade física.

Os parágrafos anteriores nos fazem notar que, mais do que narrativas de "retamanhos", *No país das formigas* e *A chave do tamanho* constituem histórias de "destamanhos". Cabe notarmos que as diferenças na solução da materialização de tais destamanhos não significam um afastamento temático entre os livros de Menotti del Picchia e Monteiro Lobato. De uma forma ou de outra, ambos convergem para a assunção, no universo ficcional, de uma perspectiva próxima a da criança em uma sociedade adultocêntrica, fato que, no dizer do professor Valente (op. cit), remete a uma valorização do universo infantil. Em outras palavras, o sucesso das narrativas de destamanhos entre as crianças tem a ver com a identificação sentida pelos pequenos, à medida que, nestas obras, as personagens vêem o imenso mundo à sua frente com uma perspectiva semelhante à forma como a garotada o enxerga.

### **3. Um Formigueiro Integralista *Avant La Lettre*:**

O segundo volume das aventuras de João Peralta e Pé-de-Moleque desenvolve-se, durante parte significativa, no país das formigas que dá título à história - o qual constitui os arredores domésticos vistos sob nova perspectiva. O autor aproveita-se claramente de referências de cunho entomológico para auxiliarem na caracterização da nova sociedade onde as personagens humanas se inserem. Sendo assim, predomina na estrutura organizacional das formigas uma rígida escala hierárquica que, além de instituída sob o regime monárquico de governo, tem como marca indelével a adesão ao militarismo. Pululam na narrativa menções a generais, coronéis e capitães, todos representantes de uma força de admirável organização. Aliado a esta força, temos o glamour proporcionado pela pompa que cerca a rainha das formigas. Dentro deste contexto, a monarca tem um vasto exército de subalternos, hierarquicamente militarizado e organizadamente disposto, que ajuda as crianças em suas aventuras no mundo dos minúsculos. Toda esta disposição social rígida é descrita através de uma retórica da glamourização: paradas militares simetricamente dispostas e cortejos reluzentes pontuam a narrativa, de modo que, em nenhum momento, o regime político

daquela sociedade é questionado ou, ao menos, ironizado. As formigas de baixo escalão respondem com alegria e disposição a todos os chamados, sempre prontas a colaborar com seus chefes. Esta situação é festejada pela dupla de crianças em virtude de passagens como a abaixo transcrita:

*Enquanto isso, Dom Ferrão Pontudo, Chanceler do Reino, avançou uns passos e disse:*

*- Em nome de nossa Real Senhora, Dona Saúva I, Rainha das Formigas, renovo aos heróicos meninos Pé-de-Moleque e João Peralta o apoio de todas as formigas do reino. Ouvi bem, formigas-soldados, formigas-operárias: João Peralta e Pé-de-Moleque sempre deverão ser obedecido por todas vós! (DEL PICCHIA, s.d.A: 116)*

Observamos, portanto, que é de extrema conveniência aos amigos a manutenção da estrutura social hierarquizada do formigueiro, visto que eles fazem parte do grupo de beneficiários do sistema estabelecido. Resulta, daí, que a dupla sai de um meio familiar extremamente pacato, cuja disciplina caracteriza-se pela debilidade, visto que as ordens de Seu Nazário e Benedita são sistematicamente burladas, para entrarem em um ambiente diverso: a sociedade das formigas, onde o ordenamento e a hierarquia atingem grau superlativo. Neste novo meio o desejo por aventuras é satisfeito e, enfim, as crianças podem dar vazão às suas traquinagens.

O autor de *No país das formigas* tem uma trajetória político-literária bastante interessante, a qual não podemos nos furtar de investigar a fim de empreendemos a análise aqui pretendida. Considerado um modernista de primeira hora, Menotti del Picchia antecipou alguns dos pressupostos do movimento com a publicação de *Juca Mulato*, texto que, até hoje, talvez seja o que mais recebeu atenção por parte dos críticos. A partir da segunda metade da década de 20 do século passado, entretanto, Menotti, acompanhado por alguns outros artistas - como Cassiano Ricardo e Cândido da Mota Filho - rompe com as lideranças de Mário e Oswald de Andrade e concebe a vertente "verde-amarelista" do Modernismo, a qual desembocará, posteriormente, na "Escola da Anta" (tratada de modo galhofeiro por Oswald, no célebre texto "Antologia"). Tanto o "Verde-Amarelismo" quanto a "Escola da Anta" constituem movimentos nacionalistas de inspiração e inclinação claramente fascistas. A adesão de Del Picchia às idéias "verde-amarelistas" é tão engajada que não é outro senão o seu nome que encabeça a lista de assinaturas ao manifesto chamado "Nhengaçu Verde-Amarelo". No que tange à obra para crianças de Del Picchia, o delineamento da sociedade das formigas poderia ser lido como uma representação do Integralismo para as crianças leitoras dos anos 30, não fosse o fato de o livro ter sido publicado em 1932 e a AIB (Aliança Integralista Brasileira) datar de fins de 1934. Entretanto, se estabelecermos uma correlação entre as atividades artístico-ideológicas de Menotti Del Picchia nos movimentos supracitados e a apologia à sociedade das formigas estabelecida nesta obra, podemos inferir a existência de uma intenção, ainda que subjacente, de tornar simpático ao jovem público dos anos 30 um ideário cujos princípios estavam longe da democracia. Neste sentido, se a AIB ainda não havia sido fundada por Plínio Salgado (também ele um membro do grupo "verde-amarelista") na época de publicação do livro, é lícito afirmarmos que o ideário nazi-fascista, com o qual o Integralismo mantém pontos de interseção, já circulava pelo Brasil.

Deste modo, podemos dizer que o país das formigas é metáfora do que ainda não se fundou, mas por que se anseia: um meio onde fecunda o ideário filho do Positivismo. O formigueiro é, portanto, integralista *avant la lettre*: não é à toa que o ratinho de ouro, símbolo do princípio da ordem na obra, divide o espaço do reinado com a rainha das formigas. É nesta sociedade, eivada de princípios rígidos

e onde a desobediência é sistematicamente condenada, que as duas crianças passam por aventuras incríveis, participam de paradas militares esplendorosas e acabam por encontrar um incrível tesouro, do qual lançam mão ao retornar ao mundo dos "tamanhudos". Portanto, a intenção em idealizar uma sociedade cujo regime de governo seja pautado numa rigorosa hierarquia é bastante clara. A filiação ideológica a qual o livro parece alinhar-se certamente contribui para que a mensagem de obediência às regras estabelecidas seja sistematicamente repetida às crianças no decorrer do livro. Talvez faltem estudos críticos que ressaltem o fato de que esta não se trata apenas de uma literatura de cunho moralista, mas de uma ode às regras que não esconde a sua admiração pela ordem, pela hierarquização, pela militarização e pelo glamour que envolve as cerimônias de gala do poder estabelecido. Entretanto, a mensagem do livro malogra, posto que só a desobediência permite a João Peralta e Pé-de-Moleque passarem pelas aventuras de destamanhos.

Se no fator programático a obra infantil de Menotti del Picchia não chega às últimas consequências (deveria chegá-lo?), no campo da fruição ela alcança plenamente seus objetivos, posto que são deliciosas as aventuras das duas crianças: perigos, aventuras e confusões levam as travessuras de João Peralta e Pé-de-Moleque a constituírem histórias que, conquanto tragam embutidos valores eminentemente programáticos e ideológicos, não descuidaram de divertir e agradar as crianças de sua época e de gerações subsequentes.

#### **4. A Esperança Está No Balde:**

Em 1942, a série do Sítio do Picapau Amarelo aproxima-se do fim: *A chave do tamanho*, publicado este ano, é o décimo quarto de um total de dezessete livros que compõem a saga de Dona Benta, Emília, Pedrinho e Narizinho. O tempo é de guerra, e o mundo idílico do sítio tem as suas fronteiras invadidas pelos relatos das barbáries que graçam na Europa. Esta é a senha para que Monteiro Lobato construa o "livro político" de sua extensa obra infantil.

A narrativa de *A chave do tamanho* é aberta com uma imagem literária arrebatadora: o hiperbólico "pôr-do-sol de trombeta" de Emília, cuja beleza é desbotada pelas notícias assustadoras lidas por Pedrinho nos jornais:

*Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.* (MONTEIRO LOBATO, op. cit.: 15)

É evidente que o voluntarismo da ex-boneca de pano faz com que ela seja autosuficiente o bastante para acreditar que as chances da paz mundial estejam nas suas mãos. Isto leva a personagem a pegar o superpó do Visconde (na verdade, um concentrado do pó de pirlimpimpim ainda mais poderoso), empreender uma viagem à Casa das Chaves e, a partir daí, realizar uma das "emilices" mais célebres: mexer por engano na chave que regula o tamanho da humanidade.

*A chave do tamanho* é obra que prega a renovação. De acordo com o livro, cabe aos homens e mulheres que desejarem sobreviver aos novos tempos o desenvolvimento da capacidade de adaptação. No dizer de Emília, "adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca" (Ibidem: 36). É por não conseguirem se amoldar à diminuição corporal que os membros da

família do Major Apolinário, com exceção das crianças, não têm a destreza suficiente para concluir que o mundo é outro e as idéias também - inclusive a "idéia de gato". Por isso mesmo, eles acabam devorados por Manchinha, o animal doméstico da família, ao que a ex-boneca de pano reage sem piedade, culpabilizando-os pela "lerteza com que se adaptavam às novas condições de vida" (Ibidem: 39). Em outras palavras, o sujeito que não se adequar aos novos tempos com rapidez será literalmente engolido.

Não por acaso, ao empreender uma viagem por vários pontos da Terra na tentativa de instituir a paz mundial e, após confrontar o ditador nazista, Emília encontra, na Califórnia, a "sociedade do futuro": Pail City ou Cidade do Balde. Adaptado à condição de "destamanhudo", um grupo de norte-americanos cria, em torno de um balde jogado em um jardim velho e maltratado, um novo paradigma de condição humana. Na cidade do balde é vislumbrada a saída para homens e mulheres, em virtude da engenhosidade com que os habitantes lidam com os novos parâmetros de dimensão corporal. Deste modo, passam a construir uma nova História, através do domínio humano "destamanhudo" sobre a natureza e da estruturação de saídas arquitetônicas viáveis para a realidade renovada. É o doutor Barnes, líder do grupo, que verbaliza as diretrizes da Cidade do Balde, no seguinte diálogo com Emília:

- *Estou gostando da sua "atividade adaptativa", doutor. Fazer tanta coisa em tão pouco tempo até me parece milagre. Acha que o homem pode subsistir, assim reduzido de tamanho?*

- *Perfeitamente. Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais agradável que a velha - sem os horrores da desigualdade social da fome, das blitzkriegs e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos.*

- *É como eu penso - berrou Emília.* (Ibidem: 110)

A *chave do tamanho*, portanto, sugere que é nos Estados Unidos que o "novo ser humano" floresceria, em uma clara indicação do alinhamento político que subjaz à obra. Isto pode ser reforçado ainda mais se observarmos o tom arrasador com que Emília se dirige a Adolf Hitler, comparado ao discurso quase conciliatório que a fala da ex-boneca adquire ao chegar à Casa Branca. Certamente com o objetivo de minimizar este disparate, na versão de 1947 a obra de Lobato reaparece com supressões significativas no que tange a elogios aos representantes dos aliados, como nos informa o professor Thiago Alves Valente (2009). Também deve ter contribuído para estas modificações o advento do uso da energia nuclear com fins bélicos pelos Estados Unidos entre o lançamento de uma e outra versão do livro, o que relativizou as simpatias por uma nação que provocou as tragédias de Hiroshima e Nagasaki.

As andanças de Emília pelos quatro cantos do mundo no papel de embaixadora da paz mundial são viabilizadas pelo Visconde de Sabugosa. Neste sentido, ainda segundo o professor Valente, no esforço pelo fim da guerra Emília alcança *status* de Quixote e, para tanto, não pode dispensar seu subserviente Sancho Pança de espiga de milho. Mais do que isso, porém, é interessante notar que há, na relação Emília - Visconde, uma evidente subversão dos elementos masculino - feminino. Assim, desde que Emília assume sua nova dimensão corporal "destamanhuda", resolve armar-se com um espinho seco caído de uma planta. Isto dá-lhe o ar de cavaleiro medieval acima mencionado e, mais ainda, dota-lhe de uma característica fálica tão evidente que não pode deixar de ser mencionada. Em contrapartida, seu escudeiro é eminentemente feminino. Passivo,

Visconde deixa-se literalmente penetrar por Emília: assim que encontra a ex-boneca, esta tem a idéia de transformar a cartola do sabugo de milho em uma agradável residência, com janela, porta, varanda, escada, assoalho e o que mais lhe aprouver. Atendidas as exigências, Emília literalmente penetra no Visconde, dominando-lhe a área próxima ao seu cérebro. A partir daí, ele passa a ser teleguiado pela ex-bonequinha, que se utiliza dele para exercer as atividades que ela não pode realizar, em virtude de sua dimensão diminuta.

É por conta de tantos incômodos que o Visconde, na votação estabelecida entre os habitantes do Sítio do Picapau Amarelo, ao dar o seu voto de minerva decide que a humanidade retornará à sua estatura corporal de origem. Encerra-se aí a aventura de destamanhos comandada por Emília. De toda a história, uma lição fica para os governantes da época: a ex-boneca de pano, apesar de contrariada, é "grande exemplo para todos os ditadores do mundo" (Ibidem: 126), pois acata o desejo da maioria e retorna a chave do tamanho à sua posição de origem.

## 5. O "Tamanhudo" Lobato, o "Destamanhudo" Del Picchia:

"Tamanhudos" e "destamanhudos" são termos inventados por Emília, os quais dão a devida dimensão do trabalho com a linguagem empreendido por Monteiro Lobato em sua obra. Neste sentido, o autor sente-se à vontade para a utilização de neologismos diversos, além dos acima citados. É através da mente fértil da ex-bonequinha que ele dá vazão a tal recurso em seu texto.

Por outro lado, os neologismos de Emília podem muito bem caracterizar a fortuna crítica de um e de outro autor aqui estudado, pelo menos no que diz respeito às suas obras para crianças. Enquanto Lobato continua a ser o paradigma da Literatura Infantil desenvolvida no Brasil e *A chave do tamanho*, em função de suas qualidades e características complexas, é um dos seus textos que mais recebe análises, os livros de Menotti Del Picchia merecem pouca atenção por parte da crítica especializada. A bem da verdade, eles costumam ser citados em obras de referência, caso dos estudos de Lajolo e Zilberman (2009) e Coelho (2006). Entretanto, são raros os textos que se debruçam especificamente sobre *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* e *No país das formigas*.

"Tamanhudo" Lobato: em uma rápida pesquisa pela rede de computadores, podemos observar que *A chave do tamanho* mantém sua popularidade intacta. A obra empresta seu nome, por exemplo, a diversas escolas e creches espalhadas pelo país e, recentemente, foi alvo de uma reedição cujo cuidadoso projeto gráfico empreendido pela Editora Globo é notório. Lobato e suas reflexões sobre o tamanho não só atingiram o estado de cânone: ultrapassaram-no; tornaram-se clássicos.

"Destamanhudo" Del Picchia: não bastasse a escassez de menção e a quase nulidade de trabalhos acadêmicos sobre suas obras para crianças, os livros protagonizados por João Peralta e Pé-de-Moleque, mesmo que disponíveis no mercado editorial, já não encontram a mesma receptividade que outrora tinham entre as crianças - talvez em função de não serem frutos de constantes adoções no campo escolar, como era fato recorrente há algumas décadas. Definitivamente, a posteridade não foi generosa para com a obra para crianças de Menotti Del Picchia.

"Tamanhudo" ou "destamanhudo", os livros de Lobato e Del Picchia constituem textos que representam momentos singulares das narrativas de "destamanhos" desenvolvidas no Brasil e que, analisados em conjunto, permitem-

nos observar diferenças e aproximações no que tange a soluções ficcionais, estruturas narrativas, construção de personagens, além de ideários políticos subliminares: narrativas do mundo minúsculo que congregam maiúsculos objetos de pesquisa.

---

### Referências Bibliográficas:

CARROL, L. *Aventuras de Alice: no país das maravilhas, através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Fontana/ Summus, 1977.

CASTRO, A. C. V. *A São Paulo de Menotti del Picchia*. São Paulo: Alameda, 2008.

CHAVES, M.W. "O Papel da Educação Escolar na Formação de Novos Hábitos no Antigo Distrito Federal Anos 30. In: *Revista contemporânea de educação*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, abr/ jun 2006. Disponível em <http://www.educacao.ufrj.br/revista/indice/numero1/index.php>. Acesso em: 27/ 07/ 2009.

COELHO, N. N. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

DEL PICCHIA, P. M. *No país das formigas*. Rio de Janeiro: TecnoPrint, s.d.A.

\_\_\_\_\_. *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque*. Rio de Janeiro: TecnoPrint, s.d.B.

GOUVÊA, M. C. S. "Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica". *Educação e pesquisa*. Vol 31, n. 1, São Paulo. Jan/ mar 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14/ 07/ 2009.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LOPES, N. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

MONTEIRO LOBATO, J. B. *A chave do tamanho*. São Paulo: Globo, 2008.

PICOLIN, J. C. et al. "Você é meu parente: comunicação política no Integralismo". *A propaganda política no Brasil contemporâneo*. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/ Metodista de Comunicação, 2008.

RABELAIS. *Gargantua*. Rio de Janeiro: TecnoPrint, s. d.

SWIFT, J. *As viagens de Gulliver*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

TELES, G. M. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 12. ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

TRINDADE, H. *Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, DIFEL, 1979.

VALENTE, T. A. "A chave do mundo: o tamanho". In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2009.

VELLOSO, M. *As férias com a vovó*. Rio de Janeiro: Alves, 1932.

YANTOCK, M. *Um passeio em Petizópolis*. São Paulo: Melhoramentos, 1935.